

PALAVRAS DOUTRA TRIBO. SOBRE TRADUÇÕES DE LITERATURA GALEGA

Fernando Venâncio
Universidade de Amsterdão

Ao voltares as páginas do libro,
aínda escutas o gemido da folhagem
quando o vento lambía o seu esplendor.

Ao voltares as páxinas do libro,
aínda escoitas o xemido da follaxe
cando o vento lambía o seu esplendor.

João Pedro Mésseder, *Abrasivas*, 2005
editado em português e galego

Resumo

Non se discutirá neste artigo a cuestión xenérica da necesidade, e menos aínda da posibilidade, de traducir entre galego e portugués. Constatase o punto de vista, explícito ou implícito, dos intervinentes, editor e tradutor, e tómase como dado obxectivo. Tampouco se reflexionará sobre a normativa ortográfica do galego. Limitase a observar que a ortografía vixente é crucial na decisión de facer a edición portuguesa dun texto galego. Tampouco se insistirá na cuestión de se o galego e o portugués son unha ou dúas linguas. Para o autor do traballo son variantes dun só e único idioma. Reduzindo a cuestión ao esencial, galego e portugués teñen en común todas as estruturas que os distinguen das outras linguas románicas. No presente estudo, «galego» e «portugués» designarán dúas normas diferentes e marcadísimas.

Palabras clave: Portugués, galego, tradución literaria, norma ortográfica, fraseoloxía, falsos amigos.

Abstract

This paper will not deal with the generic question of the necessity, or even possibility, of translating from Galician into Portuguese. We state here the point of view of the editorial actors —publisher and translator— and take it as

an objective fact. We will not deal with the orthographical norm of Galician, either. We will only point that the current Galician orthography is crucial in deciding whether to publish or not a Portuguese version of a Galician text. In the same way, the question of Galician and Portuguese being one or two languages will not be addressed here. For the author of this paper they are variants of one unique language. Cutting a long story short, Galician and Portuguese have in common all the structures that distinguish them from other romance languages. In this study, «Galician» and «Portuguese» refer to two sharply different norms.

Key words: Portuguese, Galician, literary translation, orthographic norm, phraseology, false friends.

Um primoroso romance de Xavier Queipo, *Papaventos*, aparecido em 2001, teve pouco depois edição portuguesa, chamando-se *Bebendo o Mar*. A trama contém um forte elemento português: um tradutor galego, progressivamente cego, quer deixar feita a versão norte-americana de *Ensaio sobre a cegueira* de Saramago.

A tradução portuguesa do livro de Queipo é cuidada. Mas há nela elementos problemáticos. O exame das seis páginas iniciais —que narram a súbita paixão do galego e duma informática irlandesa, na californiana San Diego— permite apreciar razoavelmente os conseqüimentos da tradução.

Elaboremos um primeiro grupo de vocábulos e locuções, sem correspondentes literais no português corrente. Foi traduzido com acerto, e pelo menos aceitavelmente. Aí figuram *desacougante* (desconfortável), *cada tanto* (de vez em quando), *semellar* (parecer), *se cadra* (se calhar), *abraiado* (maravilhado), *butaca* (cadeira), *non eran quen de* (não eram capazes de), *malia* (apesar de), *decatarse* (aperceber-se), *agochar* (esconder), *toma* (tomada), *aloumiños* (carinhos), *fazulas* (bochechas), *caluga* (nuca), *brétema* (bruma), *envites* (ocasiões), *mesta* (densa), *agarimo* (afecto), *agarimar* (acarinhar), *mentres* (enquanto), *recunchos* (recantos), *rabuñar* (arranhar), *recendo* (odor), *rozamentos* (fricções), *albornozes* (roupões), *abraio* (admiração), *axiña* (rapidamente), *estricadas* (esticadas), *baleiro* (vazio), *encol de* (em cima de), *moblaxe* (mobiário), *cara adiante* (para diante).

Há, depois, o grupo dos termos comuns mas de descoincidente semântica, os ‘falsos amigos’. Estão aí *bicos* (beijos), *parellas* (casais), *azar* (acaso), *obviar* (evitar), *prendas* (peças de roupa), *ensarillar* (iniciar), *apuros* (necessidades), *empapar* (embaciar), *empatados* (unidos), *caixón* (gaveta), *billa* (torneira).

No seu contexto, não teria sido incorrecto conservar *alcance* (traduzido por ‘importância’) e *anagrama* (‘emblema’). Em contrapartida, traduziu-se bem o que, em português, corresponderia a vulgarismos. Assim, *beizos* tornou-se «lábios», *peitos* «seios», *de esguello* (compare-se ‘de esguelha’) «de

soslaio». Grave é, contudo, traduzir *así e todo* por «assim» e, mais adiante, por «assim e tudo» (uma locução impenetrável), quando em português se diz «no entanto», «ainda assim» ou semelhantes.

Sublinhem-se as adequadas versões de *daquela foi cando* por «foi então que», de *non son quen de acougar* por «não consigo acalmar», de *tardaran algo en despirse* por «demoraram um pouco para se despirem» (mas «a despirem-se» era de ponderar). Já *parellas de tempo*, «casais há muito tempo juntos», ganharia com um mais ligeiro «casais de longa data».

Mais reservas inspira ver traduzido *prendera lume* (o sujeito é uma *fáis-ca*) em *dúas almas á deriva, náufragos á valga nun San Diego en vacacións* por «acendera o lume em duas almas sem rumo, náufragos à deriva numa San Diego de férias». No contexto, «acender o lume» é banal, e *á deriva* merecia ser mantido, reservando «sem rumo» para *á valga*. Além disso, a forma verbal tem, aí, claro valor de pretérito perfeito. Proporíamos, pois: «pegou fogo a duas almas à deriva, náufragos sem rumo». O feminino para *San Diego* está correcto. Mas seria de preferir «em férias», mais vernáculo e menos ambíguo.

Por fim, o ousado *na ledicia ximnástica da paixón* («na feliz ginástica da paixão») merecia o atrevimento de «na alegria ginasticada da paixão».

‘Traduzir’ entre galego e português?

Não se discutirá, neste artigo, a questão genérica da *necessidade*, e menos ainda da própria *possibilidade*, de traduzir entre galego e português. Constatase o ponto de vista, explícito ou implícito, dos intervenientes, o editor e o tradutor, e toma-se-o como dado objectivo¹. Também não se elaborará sobre a normativa ortográfica do galego. Limite-me a observar, no contexto deste artigo, que a ortografia vigente é crucial na decisão de fazer edições portuguesas. Para mais, essa ortografia reduz, no leitor luso, a *percepção* de ler uma literatura ‘não castelhana’.

Também não se insistirá na questão, entre todas magna, de serem galego e português um ou dois idiomas. Para o autor do trabalho, eles são variantes dum só e mesmo idioma. Ou reduzindo a questão ao essencial: todas as estruturas que distinguem galego e português das outras línguas românicas, têm-nas eles em comum. No presente estudo, ‘galego’ e ‘português’ designarão, pois, duas *normas*, diferentes e marcadíssimas. O quadro completa-se com o ‘brasileiro’, terceira grande norma, também ela esclarecedora das mútuas relações, mas deixada, por método, fora deste trabalho.

Tudo isto não secundariza, e antes torna ainda mais candente, o tema da *responsabilidade* do tradutor entre galego e português. Essa responsabilidade

¹ A esta problemática, e às *alternativas* à tradução, será dedicado estudo posterior. Aqui, recordem-se as opiniões do editor António Luís Catarino («Tradução e edição: artes à deriva?», *Viceversa*, 11, 2005, pp. 129-132) e do tradutor José Viale Moutinho (*Grial*, 157, 2003, pp. 120-122), terminantemente defensores da tradução.

será, segundo J. H. Peres Henriques, a de criar a ilusão de «fronteiras linguísticas» onde elas não existem, efeito fatalmente produzido por traduções «dentro da mesma língua ou, pelo menos, entre códigos por definição mutuamente inteligíveis» (2004, 78). Este efeito ‘separatista’ do próprio e ‘estrangeirizante’ do alheio (uso termos do autor noutros estudos) é autêntico. Só que Peres Rodrigues faz apelo, no caso atinente, ao facto de «o galego e o português luso ou brasileiro» serem «perfeitamente intercompreensíveis, pelo menos nos seus registros formais». Parece-me uma leitura algo eufórica das realidades. Existe, no máximo, uma *genérica* intercompreensibilidade das três normas. Repare-se —é mero exemplo— que não são raridade os livros portugueses ‘abrasileirados’ além-mar no léxico e na sintaxe, e há exemplos da recíproca. Depois, em registo *formal*, até o castelhano é, para um português, transparente.

O texto de Queipo que examinámos evidencia uma parcial opacidade entre galego e português que, se não impede um global entendimento, condiciona demasiado o prazer da leitura. Em casos assim, o tradutor aceita, e bem, a responsabilidade de mostrar ‘fronteiras’. Mas, e o que é mais, traduzir do galego para português oferece ao tradutor a possibilidade doutros efeitos, mais positivos e gratificantes. É essencialmente sobre eles que este artigo vai debruçar-se.

Consideremos pois demonstrada, se não a necessidade, decerto a *suma conveniência* de traduzir ficção galega para leitores portugueses. Para tornar, mesmo assim, mais tangível a demonstração, vou servir-me dum texto que, por publicado na Net, está acessível a qualquer pessoa que der com ele. Um português, por exemplo. Trata-se do início duma crónica de Ramón Vilar, «Un idioma na cetaria», publicada no Portal Vieiros a 19-V-2006.

Ben certo é que a miña avoa le os xornais dende que eu acordo. Vai ao caixón da cociña e saca os lentes. Pasa os cristais con coidado polo mandil e envórcase enriba da mesa da cociña a ler as portadas, aproveitando que a raiola do mediodía entra pola fiestra do vertedoiro.

Suponho que, para leitores galegos, a transparência é total, ou próxima disso, mesmo numa leitura descontraída, própria do género. A pergunta agora é: que entende do texto o leitor português? Para eliminar qualquer obstáculo ortográfico, transcrevemo-lo em grafia lusa. Figuram aqui em negrita os vocábulos desconhecidos dum português médio que nunca tenha tido contacto com o galego.

Bem certo é que a minha **avoa** lê os jornais **dende** que eu acordo. Vai ao caixão da cozinha e saca os lentes. Passa os cristais com coidado **polo mandil** e emborca-se **enriba** da mesa da cozinha a ler as portadas, aproveitando que a **raiola** do **médio-dia** **entra pola fiestra do vertedoiro**.

Concedamos que, por aproximação, se entendem *avoa* («avó») e *polo*, *pola* («pelo, pela») e, por informação dialectal, *enriba* («em cima»). Demos de barato que *médio-dia* é perceptível como «meio-dia». Aceitemos, no limite, que o contexto permite adivinhar *dende* em «desde». Mantêm-se ainda obscuros *mandil*, *raiola*, *fiestra* e *vertedoiro*. É verdade que constam (à excepção de *fiestra*) de dicionários portugueses. Mas, mesmo aí, o seu significado é ou muito específico (casos de *mandil* e *vertedoiro*) ou impropriedade no contexto (caso de *raiola*, tipo de jogo).

Será, afora isso, o texto inteligível? De modo nenhum. Mostremos agora os elementos que induzem o leitor português em erro objectivo, os ‘falsos amigos’.

Bem certo é que a minha avoa lê os jornais *dende* que eu **acordo**. Vai ao **caixão** da cozinha e **saca os lentes**. Passa os **cristais** com cuidado pelo mandil e **emborca-se** enriba da mesa da cozinha a ler as **portadas**, aproveitando que a *raiola* do médio-dia entra pela *fiestra* do *vertedoiro*.

Examinemo-los um a um. *Eu acordo* é sinónimo de «eu desperto», *caixão* é sinónimo de «urna funerária», *cristais* são formas naturais poliédricas, *portadas* são peças de madeira para encerrar vidraças. Suponhamos, à tangente, que o bizarro *emborca-se* é —através de «emborcar» e «de borco»— concebível ao leitor. Sobra ainda *saca os lentes*. O nosso leitor, empenhado no entendimento do texto, suporá que *os lentes* são «as lentes», e que estas possam ser «os óculos». Através de *sacar* (que designa em português um gesto brusco), ele depreenderá que a senhora os vai recolher algures.

Por junto, o nosso leitor conseguiu uma informação precária, difusa. Abalancemo-nos, pois, a dar-lhe uma tradução. Com umas anotações, ainda. Não havendo para *raiola* correspondente satisfatório, decidimo-nos por «feixe de luz». Depois, em jornais, *portadas* são «primeiras páginas». Como este plural seria ambíguo (a senhora limita-se à página da frente), optou-se por «capas», já em uso no caso de tablóides. Para *fiestra*, escolhemos o ruralizante «janelo», por apropriado ao local. Por fim: *aproveitar que* rege em português um conjuntivo.

Bem certo é que a minha avó lê os jornais desde que eu me recordo. Vai à gaveta da cozinha e retira os óculos. Passa as lentes com cuidado pelo avental e reclina-se sobre a mesa da cozinha a ler as capas, aproveitando que o feixe de luz do meio-dia entre pelo janelo da pia.

Só um último problema: tanto o início como o final apresentam estruturas desconfortáveis, por forçadas, além de nitidamente hispanizantes. Em vez de *Bem certo é que*, poderia optar-se por «É bem verdade que». E, em vez de *aproveitando que o feixe de luz do meio-dia entre*, por «aproveitando

entrar o feixe de luz do meio-dia». Não é um mimo de estética (e há, ainda, uma importuna rima de «meio-dia» com «pia»), mas foi da mera compreensão que cuidámos. O leitor português ficou, agora, esclarecido. E o texto até é convidativo.

Estou inteiramente consciente do papel que, neste texto galego, joga a interferência castelhana. Mas não é menos verdade que o texto de Queipo acabou, na sua versão lusa, também ele encostado sistematicamente ao idioma da Meseta. Havemos de vê-lo: a relação tanto do galego como do português com o castelhana guarda instrutivas surpresas.

Alguma bibliografia

Até ao momento, foram Méndez Ferrín e Manuel Rivas os ficcionistas galegos mais vezes editados em Portugal. Do primeiro apareceram três volumes (*Bretanha, Esmeraldina*, 1991, *Arraianos* e *No ventre do silêncio*, 2000) e de Rivas cinco (*Que me queres, amor?*, 1998, *Alma, maldita Alma*, 2001, *O lápis do carpinteiro* e *O segredo da terra*, 2003, que inclui *Um milhão de vacas*, e *As chamadas perdidas*, 2004). Segue-se Xavier Queipo com dois livros (*Bebendo o mar*, 2003, e *Os ciclos do bambu*, 2005). Outros autores estão igualmente editados, de que se citam as três obras comentadas neste artigo: de Gonzalo Navaza, *Erros e Tánatos*, 2003, de Xurxo Borrazás, *Ser ou não*, 2006, e de Iria López Teijeiro, *Menina de cristal*, 2007.²

Numa primeira fase, destacou-se nesta área a editora Dom Quixote, de Lisboa (casa com importantes autores da ficção portuguesa), mas a partir de 2003 foi sobretudo a editora Deriva, do Porto, a divulgar escritores galegos. Conclui-se da geral qualidade das obras que a escolha honra os editores, sendo verdade que, ao princípio, os prémios e as edições em espanhol os guiaram na opção. Aconteceu mesmo (caso de *O segredo da Terra*, de Rivas) traduzir-se directamente do castelhana.

São escassos os trabalhos comparatistas entre galego e português. Do lado luso, quase só figuram os estudos fonológicos de M. H. Mira Mateus (1984). Na Galiza, X. R. Freixeiro Mato (1996) e Rosario Álvarez (2002) fizeram investigação sobre o diminutivo nas duas normas. Merecem destaque tanto o sólido e programático estudo de fraseologia de X. M. Gómez Clemente (1995) como as investigações, a merecerem prossecução, de Iago Bragado Trigo (2000, 2005) sobre sintaxe e pragmática.

Já a problemática dos ‘falsos amigos’ ocupou mais estudiosos. São de sublinhar os utilísimos trabalhos de T. Vidal Figueroa (1995-2001) e de X. A. Fernández Salgado e X. M. Gómez Clemente (2003), assim como o artigo de I. Bragado Trigo (2006).

2 Excluimos deste conjunto a ficção de Carlos Quiroga (*A espera crepuscular*, 2002, *O regresso a arder*, 2005, e *Venezianas*, 2007, edições da Quasi, Famalicão), que escreve em português, mas duma truculência expressional que o leitor tenderá a identificar como galega.

O exame que agora encetaremos —o da tradução de textos literários galegos para português— mostra quanto estas pesquisas são pertinentes, e quantas lacunas a investigação apresenta ainda.

Traduzir à letra: ganhos e escolhos

O que J. H. Peres Rodrigues observou para a tradução entre línguas próximas, como o «galego-português» e o espanhol, poderá guiar igualmente o tradutor luso do galego. «Uma certa fidelidade não dogmática ao texto original pode chegar a ser, sem dúvida, a melhor garantia de que o texto-alvo será equivalente não só comunicativamente, mas também estética e expressivamente» (2004, 80). Algumas opções de tradutores do galego parecem, de facto, denunciar esse propósito de fidelidade, sobretudo quanto o registo é informal. Assim, em *O lápis do carpinteiro*, a expressão *alá contra o sol-por* aparece como «lá para o sol-pôr», o que conserva a marca familiar *lá* e recusa a forma, mais corrente, de «pôr-do-sol». A informalidade é, de novo, conservada ao verter *deu en chover outra vez* por «deu em chover outra vez», ou *nunca non daba com eles* por «nunca dava com eles», mesmo se o tradutor recua, neste último caso, perante uma construção que nenhum registo português admitiria. Anote-se que estes exemplos provêm, todos, do discurso do narrador, não sendo sequer particularmente notáveis, dada a chã correspondência dos materiais. O facto é que tradutores menos seguros (e Pedro Tamen tem um magnífico currículo) tendem, em casos assim, a refugiar-se em registos neutros.

Igual ponderação vale para passagens de *Bretanha, Esmeraldina*, com tradução de José Carlos González, em que uma classicizante inversão *Desexaba eu tal visita* se vê mantida em «Desejava eu semelhante visita», ou se preserva a ousada afirmação de quem, fantasiando um desconhecido, diz *púñalle barba branca*, «punha-lhe barba branca».

Não será por acaso que aqueles tradutores que se permitem tal fidelidade são também os que, noutras situações, encontram a solução mais inesperada e mais criativa. Semelhantes tradutores assumem-se como ‘escritores’ e não como funcionários, por muito exemplares que sejam.

A conservação do traçado original inclui, no entanto, riscos e pode conduzir a resultados infelizes, quando não desastrosos. No extraordinário conto «Decoração e interiorismo», de *Erros e Tánatos*³, verte-se *a voz do seu home* por «a voz do seu homem». São duas as falhas desta versão. Por um lado, o uso de «homem» por «marido» introduz um ruralismo ausente do relato. Por outro, é corrente em português a eliminação do possessivo. «A voz do marido» seria, pois, excelente opção. Mais adiante, uma frase como «o seu homem estava

3 Repomos o acento no título. Ao eliminá-lo, a versão portuguesa elimina também o inventivo jogo de palavras. Além disso, o neologismo «interiorismo» dispensava-se. O termo corrente é «interiores», como em «arquitectura de interiores».

de viagem» ajunta a isso um escusado castelhanismo. Um português escorreito pede «o marido estava em viagem».

Outra marca de sintaxe exógena, no mesmo livro: alguém se queixa «do sozinha que estava», a traduzir *do soa que estaba*. Ora o português não admite tal substantivação, e exprime a ideia por algo como «da solidão em que estava». Já *falando agora [...] do emocionada que se sentia* está melhor resolvido com «do quanto se sentia emocionada». Estes decalques não são raros e merecem alguma detenção.

Assim, encontramos *morreulle o home de nova* vertido como «morreu-lhe o homem de nova», quando se desejava «morreu-lhe o marido em nova». Mesmo deficiente, a afirmação em causa continua inteligível. Não é já o caso de *O meu home tamén quería arranjar o noso* traduzido como «O meu homem também queria arranjar o nosso». Mesmo no contexto, a frase é, no final, obscura. O galego admite esse neutro, coincidente com o masculino (um recurso certamente induzido pelo castelhano: «el personal» *versus* «lo personal»). O português não. No caso concreto, a *o noso* equivaleria «o nosso sustento». Outras vezes, poderá traduzir-se por «as nossas coisas», «o nosso assunto».

De maior gravidade se revestem —ainda em contexto galego— os calcos fraseológicos castelhanos, a denunciarem, no tradutor português, uma adiantada permeabilidade ao idioma do Estado vizinho. O produto final é, habitualmente, inqualificável. Assim, vemos *Eu que sei!* convertido em «Eu é que sei!», quando um português diz «Sei lá!». Ou *Non pasa nada* tornado «Não se passa nada», quando seria, segundo o caso, «Não faz mal» ou «Não te preocupes». Ou *Moito gusto* por «Muito gosto», quando, em apresentações, se diz «Muito prazer». Ou *Nin puta idea* por «Nem puta de ideia», uma formulação preguiçosa e trapalhona. Uma frase como *Alégrame que o entendas* pode ser decerto «Alegra-me que o entendas», mas o falante diz espontaneamente «Fico contente por perceberes».

A tradução do possessivo *o seu, a sua* tem aspectos ainda mais complexos. Em primeiro lugar, o uso habitual de «dele» e «dela» tem largo efeito desambiguador, reservando-se «o seu, a sua» para o interlocutor em registo formal. Mas os próprios «dele» e «dela» desaparecem quando o possuidor é óbvio. Assim, *o seu pai ia adiante* será bem traduzido por «o pai ia adiante». Depois, qualquer possessivo pode ser elegantemente substituído por um complemento indirecto, do tipo «Invejo-te a calma», «Conheci-lhes o pai». Tudo isto sucede também em galego e outras línguas, mas em português as ausências do possessivo são imagem de marca. Examinemos o que sucede em *Menina de cristal*.

Um primeiro caso, *Sabes cal é a súa casa?*, é correctamente traduzido por «Sabes qual é a casa dele?» e, mais adiante, *o seu irmán* (entenda-se dum terceiro) é «o irmão dele». Mas a afirmação *parécese de máis á súa nai*, feita acerca dum terceiro, mantém-se ambígua em «parece-se de mais com a sua mãe». Retire-se o possessivo, e a nitidez regressa. O mesmo vale para *a avoa nunca me falou do seu irmán*, vertido como «a avó nunca me falou do seu irmão». Já

no discurso do narrador, portanto em clima formal, quadram bem «o seu, a sua». Aí pode tranquilamente verter-se *falar das cartas sería traizoar a súa avoa* por «falar das cartas seria atraçoar a sua avó». Conservar ou retirar «sua» é, aqui, da simples ordem do estilo.

Sendo as coisas assim, um curioso mal-entendido no original irá perder o efeito em português. Veja-se esta passagem (que encurtamos) do mesmo livro.

—Ata que, á fin, un bo día deulle un ataque e xa non houbo outra que levalo para a casa, e o médico...

—O seu pai? —interrompeu Xiana.

—Como dis, filliña?

—O médico era o seu pai, non si?

—Así é. O meu pai diagnosticoulle...

—Até que, por fim, um belo dia deu-lhe um ataque e já não houve nada a fazer senão levá-lo para casa, e o médico...

—O seu pai? —perguntou Xiana.

—Como dizes, filha?

—O médico era o seu pai, não era?

—Sim. O meu pai diagnosticou-lhe...

Em *O segredo da terra*, de Rivas, há um caso parecido. No original, falando-se da família dum idoso, diz-se:

«—¿Veu a súa familia? —preguntou míster Gafascadradas. Preguntoulle á enfermeira e non ao vello.»

A tradução portuguesa, feita, como já dito, do castelhano («¿Ha venido su familia?»), é elucidativa. Na pergunta «A família vem cá?», eliminou-se, e bem, o possessivo (mas errando-se no tempo verbal). Porém, «Perguntou à enfermeira e não ao velho» aparece agora desprovido denexo ao que o precede.

Todas estas descoidincências entre as normas têm de estar presentes ao tradutor do galego. Ajuntemos-lhe estroutra, igualmente importante. Construções do tipo *para o seu desespero e pola súa culpa* foram pelo tradutor de Rivas adequadamente vertidas como «para seu desespero» e «por sua culpa». Com efeito, o artigo aqui desaparece. O português diz «a meu ver», «a meu pedido», «por minha morte», «a teu respeito», «em sua honra», «a seu tempo», «por sua vez», «por nossa conta» e semelhantes⁴. Trata-se provavelmente

4 Tenha-se em conta que nas duplas «em meu nome»/«no meu nome» e «em meu lugar»/«no meu lugar» a oposição é abstracto/concreto. Já em «em minha casa»/«na minha casa» a diferença é de registo: mais/menos formal. Para completar: «em casa» é «na própria casa», «na casa» «numa casa determinada».

de castelhanismos, mas são patrimoniais. A conservação do artigo seria, aqui, uma interferência do galego.

A precária fraseologia

Quando Ferrín escreveu *Medo, tiven esta mesma mañá, cando me puña xabrón na fazula para me enfeitar*, ao tradutor de *Arraianos* pouco mais resta do que «Medo tive esta mesma manhã, quando punha sabão no rosto para me barbear». Poderá discutir-se a correspondência de *fazula* e «rosto», mas as alternativas soam forçadas. E quando em *Bretanha* se lê *decíame o Cabo mentres me torcía un brazo e as irregularidades do pórlan rañaban a miña meixela*, é difícil não concluir por «dizia-me o cabo enquanto me torcia um braço e as irregularidades do pavimento me arranhavam a face». O tipo de cimento pode ser de interesse, mas um «pavimento» é em geral duro e rude.

Assim também, onde Rivas, no *Lápis*, concebeu *¡O pao da bandeira sempre tesó!*, o tradutor só retirou o artigo inicial, «Pau da bandeira sempre tesó!», decerto para aumentar a ‘tesura’ à frase. De facto, aqui ou ali um corrector ortográfico faria o serviço.

Tivo a suspeita de que o doutor analizaba coas lanternas dos ollos o significado das súas olleiras, daquelas prematuras bolsas nas pálpebras, coma se el fose un doente.

Teve a suspeita de que o doutor analisava com as lanternas dos olhos o significado das suas olheiras, daquelas prematuras bolsas nas pálpebras, como se ele fosse um doente.

Mas o mundo pode ser um nadinha mais emocionante. Duas linhas à frente, lemos *Non fagas esas bromas*. O automático já não chega e o tradutor de Rivas intervém, escrevendo «Deixa-te dessas brincadeiras». Surpresa: é também perfeito galego. E o leitor acabou bem servido. Soluções igualmente inventivas foram achadas para *¿Como foi o de onte?* com «Como correu aquilo ontem?» e para *Creste moi listo* com «Julgas-te muito esperto». Óptimos achados são, ainda, em *Ser ou não*, de Xurxo Borrazás, a tradução de *Dei cabo dunha das botellas* por «Dei cabo de uma das garrafas», que salva um belo registo, e a de *Igual ata che viven as avoas* por «Às tantas ainda tens avós». Resta a ambiguidade do último vocábulo, plural de «avó», mas também conjunto de «avó» e «avô».

A fraseologia propriamente dita cria, também ela, especiais problemas. Como se viu pelo deficiente tratamento de *así e todo*, estamos num sector da linguagem com um efeito bloqueador semelhante ao dos falsos amigos. Ou mesmo superior, pois aquilo que encontramos ‘organizado’ pede que assim o mantenhamos.

Há locuções —limitemo-nos a este sector— que nunca se prestam ao erro, seja por transparentes (*ao todo, aos poucos, con xeito* «com jeito», *de re-*

penite, de súbito), seja pelo seu uso restrito (*a eito, nun pronto* «num pronto»). Outras, decerto por inexistentes em português, conduzem ao mesmo resultado feliz, como *se cadra* e *ao axexo*, «se calhar» e «à espreita», formas obviamente também galegas.

Outras, porém, apesar da sua alta frequência, ou exactamente por causa dela, provocam regularmente no tradutor um baixar da guarda. É o caso de *así mesmo* («igualmente»), que achamos traduzido por «mesmo assim» (que é sinónimo de «não obstante») ou, até, por «assim mesmo» («desta exacta maneira»). Um tanto mais complexo é *menos mal*, correspondente decerto a «menos mal» («Perdi dez euros. Menos mal»), mas também, e mais frequentemente, a «ainda bem» («Ganhei dez euros. Ainda bem»). E há o caso do frequentíssimo *por certo*, equivalente a «aliás». Conservar «por certo» desvirtua grandemente a perspectiva, já que isso é sinónimo de «certamente», de «provavelmente» («Estás por certo a brincar»). Versões alternativas de *por certo* são «de resto», «por sinal», «por falar nisso», «a propósito».

À margem destas locuções, cite-se ainda, pelo seu largo uso, *estar seguro*, no sentido mental. Significa habitualmente «ter a certeza», «estar certo (de alguma coisa)». E cite-se *estar certo*, que corresponde a «ter razão». Um contexto negativo vinca as diferenças: *Non é seguro* traduz-se por «Não é certo», e *Non é certo* por «Não é verdade», ou por «Está errado».

Como interferências castelhanas, que são, estes materiais oferecem o mesmo exacto problema a quem traduz do espanhol. O curioso é que a versão para português de locuções *exclusivamente galegas* conduz sistematicamente a formas que o português partilha com o castelhano. Sejam exemplo *á mantenta* «de propósito», *sen acougo* «sem descanso», *a cotío* «diariamente», «continuamente», *xa que logo* «portanto», *ao chou* «ao acaso», *de contado* «rapidamente». Este automatismo leva a desperdiçar a fraseologia autóctone, que ofereceria para *ao chou* «ao calhas» e para *de contado* «de chofre».

Merecem comentário à parte duas locuções frequentes na ficção galega. A primeira, *de tódolos xeitos*, é traduzida, e bem, por «de todas as formas», já que «de todos os jeitos» é em Portugal (não no Brasil) inusitada. A segunda, *de esguello*, traduz-se por «de soslaio» ou «de viés», galicismos chegados através do castelhano. (Como dito acima, a forma mais próxima do galego, «de esgue-lha», é marcadamente informal).

A mesma deriva ‘ibérica’ é visível, ainda, noutro tipo de locuções genuinamente galegas, como *estar no certo* ou *dar creto*, ou galego-portuguesas, como *dar feito* ou *non dar entendido*, que o tradutor luso transforma em «estar certo», «dar crédito», «fazer», «não entender».

O vasto magma ibérico

Mais ainda que na fraseologia, é no léxico que as unidades tanto *exclusivamente galegas* como *exclusivamente galegas e portuguesas* do original entram nessa assombrosa deriva pan-ibérica: os produtos finais são quase sempre

os compartilhados por português e castelhano. Traduzir para português revela-se, assim, um perfeito sinónimo de *desgaleguizar*.

Vamos examiná-lo na tradução do conto inicial de *Erros e Tánatos*, em que se descreve uma atribulada viagem de comboio pelos Alpes suíços. Digase, desde já, que a tradução é sempre aceitável, e quase sempre adequada.

<i>hoteliño</i>	hotelzito	<i>aloumiñar</i>	acariciar
<i>axeitado</i>	apropriado	<i>adoitar</i>	costumar
<i>atopar</i>	encontrar	<i>chantar</i>	espetar
<i>achegarse</i>	aproximar-se	<i>latricada</i>	conversa
<i>axiña</i>	depressa	<i>cadeliños</i>	cachorrinhos
<i>subliñar</i>	assinalar	<i>alancadas</i>	passadas
<i>botar</i>	lançar	<i>dar creto</i>	acreditar
<i>decatarse</i>	aperceber-se	<i>laiarse</i>	queixar-se
<i>entalado</i>	embaraçado	<i>anoxado</i>	enfadado
<i>enxergar</i>	ver ⁱ	<i>bicar</i>	beijar
<i>engruñarse</i>	encolher-se	<i>renarte</i>	matreiro
<i>xeito</i>	modo		

Este cenário de generalização ibérica vê-se sistematicamente repetido, mesmo em excelentes traduções. Mostramo-lo com novos exemplos, respigados agora ao acaso noutros contos de *Erros e Tánatos* e mais sistematicamente em *O lápis do carpinteiro*. Advirta-se que a hipótese duma consulta a edições espanholas por parte dos tradutores lusos é, aqui, irrelevante. Trata-se das reais opções tomadas, reveladoras do que os tradutores consideraram disponível e corrente.

<i>abeiro</i>	refúgio	<i>anovar</i>	renovar
<i>abraiado</i>	pasmado	<i>de fite</i>	fixamente
<i>adicar</i>	dedicar	<i>doado</i>	fácil
<i>adoito</i>	frequentemente	<i>liscar</i>	pirar-se
<i>adrede</i>	de propósito	<i>noxo</i>	enfado
<i>airexiña</i>	brisa	<i>perfebas</i>	pestanas
<i>alangreado</i>	desfalecido	<i>refugallo</i>	despojos
<i>alporizar</i>	irritar	<i>somier</i>	colchão
<i>amosar</i>	mostrar	<i>tolear</i>	perder a cabeça
<i>andrómenas</i>	fantasias		

Aqui ou ali, era viável uma proximidade ao original. Assim, *afeito* («habitado»), *carreiros* («caminhos»), *cuspidiños* («tais e quais») podiam conservar-se como «afeito», «carreiros» e «cuspidinhos» (com a variante «escarradinhos»). E alguma aventura pela fraseologia autóctone poderia inspirar um «ficar apanhadinho» para *tolear*. Seria um suplemento de qualidade.

Mas o que, em tudo isto, parece fenómeno essencial, e quase inconcebível, é este: que, uma vez tocada pelo português, a originalidade galega acaba

diluída no vasto magma ibérico. Perante esta evidência, aqueles que, em nome do português, amesquinham as particularidades galegas,⁵ terão —se não os mover a demagogia— de explicar qual seja, para os galegos, o ganho final desta diluição ibérica.

Falsíssimos amigos

A designação ‘falsos amigos’ não convence todos os investigadores. Mas é manejável, e sobretudo eloquente. Estas ilusões semânticas, que se tenderia a julgar *teóricas*, funcionam factualmente como previsto. Vemo-lo demonstrado na edição portuguesa de *Ser ou não*.

Alguns casos poderiam chamar-se inocentes, como dizer-se «*colónia*» por «água de colónia», «*goma*» (em português, ‘cola líquida’) por «pastilha elástica», «*pedir um baile*» por «pedir uma dança». Já criam alguma obscuridade «*prata*» por «dinheiro», «*tópicos*» (em português, ‘temas a tratar’) por «clichés» ou «estereótipos», «*noiva*» (‘prometida’) por «namorada». Autêntica violência à realidade, fazem-na «*compasso*» (um utensílio geométrico) por «bússula», «*escaparate*» (tipo de armário) por «montra», «*corrida*» por «ejaculação» ou sinónimo, «*ovos*» por «tomates» (o vulgarismo fisiológico português), «*logro*» (‘fraude’) por «conseguinto», «*chatear*» (‘importunar’) por «fazer um chat».⁶

O problema é, nitidamente, o entendimento do castelhano. Mas o galego não passa incólume. Assim, *polo serán* torna-se «pelo serão» (período entre a refeição da noite e o deitar) em vez de «ao cair da noite», *o conto* é vertido por «o conto», onde é claramente «o assunto», e *Doado non hai nada* resulta num coxo «Nada é dado».

Parece evidente: quem traduz do galego tem de conhecer bem castelhano. E só uma falta de intimidade com este idioma pode levar a manter «*fatal*» quando corresponderia a «péssimo», ou «*estupendo*» quando equivale a «ótimo», ou «*total*» quando é simplesmente «enfim». Ou a conservar «*torpeza*»

i A tradutora, Elisabete Ramos, informa (2005, 136) que manteve «enxergar», mas que a editora, sem aviso, o modificou.

5 Como João Lopes Facal, que escreve: «O hiperenxebrismo, o localismo e o diferencialismo som falsas saídas compensatórias que só servem para tornar artificial o que é vivo e para curar em naftalina o que sempre recendeu a funcho e fala livre» (*Novas da Galiza*, nr. 56, Julho de 2007, pág. 2).

6 Fiz idênticos comentários num artigo no *Expresso* (Venâncio, 2006b). A tradutora/revisora, Isabel Ramalhete, em amena resposta no jornal, afirmou, acerca de «chatear»: «Só uma ponta de maldade explica que V. tenha confundido os leitores do *Expresso* fazendo-lhes crer que, o que na verdade é um neologismo intencional no meu texto, passe por ignorância ou por confusão com ‘chatear’, no sentido de ‘aborrecer’» (destaque meu). O jornal não permitia tréplica. Observo, aqui, que, dadas as altíssimas frequências do verbo português «chatear» (importunar) e da actividade designada em castelhano pela mesma palavra, a introdução de tal ‘neologismo’ em Portugal seria duma incomensurável infelicidade. O tradutor não existe para desestabilizar sistemas saudáveis.

onde deveria estar «falta de jeito». Ou a esquecer que *veciño/vecino* também é «morador», «habitante», e que *maldición* é também «palavrão». Ou que o modismo *Alucinante!* é o português «Espectacular!». Ou que *Cambio!* no final duma transmissão sem fios é «Escuto!», e não um inacreditável «Câmbio!», usado por dois tradutores.

Mas há problemas ainda maiores, de que comentarei dois. Um é a locução *a penas*, que, incorporada um dia ao registo culto português sob a forma «apenas», passou a significar «samente». O equivalente luso de *a (duras) penas* é «mal» e antecede o verbo: comparem-se «Cantei mal» e «Mal cantei». ⁷ Ora, «apenas» aparece, com regularidade, singelamente transposto, podendo supor-se que o teor ‘culto’ do termo português contribui para baixar os alertas ao tradutor. Seja exemplo, particularmente absurdo, *un salaiio apenas audible* (que poderia ser «um suspiro quase inaudível» ou «um mal perceptível gemido») traduzido por «um tom apenas audível», o que é sinónimo de... «um tom somente audível». ⁸

A outra fonte de perturbação é o conjunto *ilusión, ilusionado, ilusionante*. Em *Menina de cristal* lemos: «Estava tão contente, tão iludida». Um leitor experimentado, compreensivo, sabe que no original há-de estar *tan ilusionada*. E também não estranhará ao ler, em *Bebendo o mar*, «Sentiam-se livres e derramando energia, enamorados e cheios de ilusões e de vida». *Cheos de ilusiões*, pois claro. Um problema é que, para esta acepção de *ilusión*, o português só dispõe de noções aproximativas: entusiasmo, fé, esperança, ambição, sonho. Ou o efeito deles: contentamento, linda surpresa. Nada, pois, que facilite a vida. Quando a tradutora de Queipo, perante *Fáime ilusión!* (o desejo é ver uns ursinhos panda), gera um frouxo *Faz-me a vontade!*, nós sabemos ser difícil muito melhor.

Simplesmente, também um galego genuíno troca as voltas ao tradutor luso. É o caso de *fuciño* referido a pessoas, que achamos conservado em «focinho» ou adaptado em «focinheira», ambos fortemente disfóricos em português. Ora o termo galego é razoavelmente inócuo, equivalendo ao jocoso «fronha», ou mesmo a «nariz», como em *meter o fuciño onde non é chamado*. Enganosos são, igualmente, vocábulos como *desfeita* «destruição» (em português, «desfeita» significa insulto, desconsideração), ou *retranca* «ironia» (o português «retranca» é desconfiança, ‘pé atrás’). Ou, ainda, *arranxar*, de valores largamente coincidentes, mas a pedir cuidados: *arranxar un problema* é resolvê-lo, «arranjar um problema» é criá-lo.

⁷ Estes sentidos encontram-se em *Arraianos* de Méndez Ferrín: *Son médico interino e mal me manteño das avinzas*. E ainda: *unha chuva fina e constante que, por veces, é a penas marmañada ou brêtema sutil*.

⁸ Valho-me, mais uma vez, duma tradução que, sendo um mau serviço à literatura, é contudo um manancial de lições.

A tolerância ao obsceno

Um texto galego, mesmo literário, ou sobretudo esse, pode sobressaltar um leitor português com aquilo que ele, mais circunspecto, ou mais puritano, tem por obscenidades. Traduzido à letra, o que no original era ênfase, e mesmo eloquência, acaba trivialidade. Mas há saídas criativas, como se verá.

Na tradução de *Ser ou não*, mantém-se sempre, e são muitas vezes, o vulgarismo «*caralho*». E assim lemos «um retiro do caralho», «A que caralho é que tu cheiras?», «a ti que caralho te interessa?», «Ao caralho! —exclamou o professor». O efeito é, primeiro, de imensa estranheza e, por fim, duma anestesiantes monotonia. É conhecida a justificação: sabendo-se o maior desbragamento dos portugueses do Norte, uma tradução do galego deveria reflectir essa licenciabilidade verbal nortenha. Ora bem, tal raciocínio colheria *se também os escritores portugueses do Norte a reflectissem*. Mas isso não acontece. Existe, pois, em literatura, um limiar português de tolerância que não coincide, nem tem de coincidir, com o galego.

Mais uma vez *O lápis do carpinteiro* oferece um resultado modelar. O tradutor optou amiúde pelo fortemente disfórico «porra» ou por «raio» e outras brandas variantes. Deste modo, verteu *¿Que carallo lle vedes a este cabrón?* por «Que porra vêem vocês neste cabrão?», *Bebe, carallo, bebe* por «Bebe, porra, bebe!», *¿Onde carallo te metisches?* por «Onde raio te meteste?». Assim, *¡Carallo coa monxa!* torna-se um muito autêntico «Raio da freira!» e *Manda carallo* um bem achado «É uma coisa do caraças!». Outro termo sensível, *foder*, vê-se esbatido: *Que o pillaron e alá foi o hospital. A mim fodeu-me* torna-se «Agarraram-no e lá se foi o hospital. A mim lixou-me», *Imos andar ata esa fodida estación* «Vamos a pé até ao raio dessa estação». A lição de Pedro Tamen parece, pois, esta: fazer explorações na gíria portuguesa e dominar algum exibicionismo.

E há uma história exemplar. A tradução de *O segredo da terra* foi feita, como assinalado, através da edição espanhola. No conto «Bárbara», o protagonista tenta animar um amigo doente, lendo-lhe *algo para poñerse cachondo*, aqui vertido por «algo para ficares excitado» (formulação, agora, inesperadamente angelical, quando se tinha «para dar-te pica» ou «dar-te tesão», termo este do tabuísmo sexual). Pois bem, a tão útil leitura contém terminologia curiosa, como *comezara a follá-la, abrialle o coño, cando entraba a polla, ansioso do seu coño, cando se corría*. Pode tratar-se duma linguagem ‘marcada’, ganhando os castelhanismos, como ensina X. A. Fernández Salgado, o estatuto de eufemismos, ao serem «percebidos como menos vulgares e obscenos às formas autóctonas galegas».⁹ Mas dificilmente o tradutor, tanto o castelhanos

9 «A interferencia do castelán no léxico galego: o castelanismo como recurso eufemístico», in Rosario Álvarez, Francisco Fernández Rei, Antón Santamarina, *A lingua galega: historia e actualidade. Actas do I Congreso Internacional* (1996), Santiago, Consello da Cultura Galega - ILG, 2003, vol. I, pp. 504.

como o português, poderiam exprimir essa retracção cultural. A tradutora portuguesa redigiu: «começara a fodê-la», «abria-lhe a cona», «quando lhe entrava o caralho», «quando se vinha». Está visto: privado da sofisticação galega, o português usou, com simpleza de espírito, o que dos próprios galegos um dia aprendeu.

A virtude diferencialista

Quem se exprime em galego, sobretudo quem escreve, traz consigo, por circunstâncias conhecidas, um tradutor incorporado. É uma segunda voz que, em surdina, vai guiando, por atracção ou repulsa, o concreto desempenho. Só que o utente pode, por consciente decisão, tomar o comando do processo e marcar uma distância frente a essa modulação paralela, ame-a ele ou deteste-a. Esquecer isto pode ser, para um tradutor, sobretudo se português, simplesmente fatal.

Essa vontade de distância, que recebe o nome de *diferencialismo*, desconhece-a inteiramente um português. É até duvidoso que algum dia a tenha conhecido, mesmo quando o castelhano foi —globalmente entre 1400 e 1700— língua de cultura e norma de referência. Se esse íntimo constrangimento algum dia se deu, os vestígios foram-lhe apagados pela viva consciência lusa, viva em excesso, de exprimir-se num idioma que *não* era castelhano. Foi a mesma assertiva consciência que apagara, antes, a lembrança de ser *galego* o idioma do jovem reino. A ortografia e o nacionalismo, dois díspares mas poderosíssimos fetiches, condicionaram para sempre a percepção dessas realidades.

O tradutor português do galego tem de ter presente, por sistema, essa opção *diferencialista* galega, voluntária ou não, proveniente da comunidade ou do indivíduo.¹⁰ Até por esta razão simples: o diferencialismo, ao afastar o galego do idioma do Estado, afasta-o também, não raro, do português. Alguns exemplos, banais, mas esclarecedores.

O galego dispõe, partilhando-os com o português, dos seguintes pares de vocábulos: *fogo* e *lume*, *gritar* e *berrar*. Ora bem, enquanto que os lexemas portugueses têm uma distribuição bastante próxima dos castelhanos *fuego* e *lumbre*, *gritar* e *berrear*, o galego generalizou o segundo termo de cada par: *lume* e *berrar*. Manter, pois, no texto português sistematicamente os termos do original produz estranheza, quando não constitui simples erro. Com efeito, e em proporções lusas, o caseiro *lume* não se presta a designar um incêndio florestal, e um aumento do volume de voz não leva assim tão automaticamente ao *berro*. Ora, em traduções do galego, como as aqui examinadas, abundam os ténues *lumes* e os estridentes *berros*.¹¹

10 O diferencialismo foi detidamente estudado por Alonso Montero (2004). Vejam-se também Álvarez de la Granja, María (2003) e *Gallego 3*, ILG, 1974.

11 Esta questão de distribuição lexical deve ser distinguida da manifestação antropológica do *berro* galego, estudada por António Medeiros em *Dois lados de um rio. Nacionalismo*

O diferencialismo galego exprime-se particularmente no investimento semântico em vocábulos não castelhanos. Quando eles coincidem com materiais também portugueses, dá-se frequentemente um problema distribucional. Assim, o galego (sobretudo o jornalístico) procede a um alargamento semântico de *alicerce* para significar *base*, de *cancela* para *obstáculo*, de *sobranceiro* para *principal*, de *axeitado* («ajeitado») para *adecuado* («adequado»). De igual modo, alargou o espaço de *derradeiro* frente a *último*, de *afeito* frente a *habitado*, de *serodio* («seródio») frente a *tardío* («tardio»), de *agardar* («aguardar») frente a *esperar*. Deste segundo grupo só «aguardar» pertence ao português corrente. Outros alargamentos semânticos (como *agasalhar* por *oferecer*, *agoirar* por *prever*) são de todo estranhos à semântica lusa.

O tradutor deve, pois, vigiar a frequência, o registo e, obviamente, a carga semântica de cada vocábulo, tanto galego como português. Um dicionário que reúna o léxico galego e português, com o próprio de cada norma e o comum a elas, é decerto exequível (como demonstra o utilíssimo Estraviz, disponível na Net). Mas importa lembrar que ninguém fala, nem escreve, por catálogo. Além disso, as palavras têm, em cada comunidade, todo um mundo de sugestões, fagueiras, maliciosas, cultas. Só isto já torna impossível —e, em todo o caso, irresponsável— a fusão das normas.

As jóias da coroa

É um facto verificável: em tradutores lusos, mesmo bons, que trabalham a partir do castelhano baixa notoriamente o emprego do infinito pessoal e do futuro do conjuntivo. Diferentemente de línguas mais afastadas, o espanhol oferece já frequentemente uma forma aproveitável. Pense-se em *Llámame en cuanto llegues*, vertível por «Telefona-me quando chegues». É português. Mas poucos tradutores se lembram de que «Telefona-me quando chegares» é mais autêntico, e mais corrente.

Ao traduzir do galego, esta atenção deverá ser activada. Aquelas duas magníficas invenções galegas que Portugal herdou e conserva vivíssimas —o infinito pessoal, ou flexionado, e o futuro do conjuntivo— estão a desaparecer dos usos linguísticos da região de origem, corroídas pelos hábitos do idioma do Estado.¹² Em obras literárias, o seu gradual abandono é perfeitamente retracável. Ora, o tradutor luso deve, em vez de seguir docilmente a deriva galega, antes compensá-la —se se quiser, corrigi-la. Examinemos alguns comportamentos em *Menina de cristal*.

e etnografias na Galiza e em Portugal, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006, em particular o capítulo VI.

¹² A preocupação por estes factos está patente em X. R. Freixeiro Mato, «Sobre os usos do infinitivo flexionado e do futuro de subjuntivo no galego moderno», in Rosário Álvarez e Dolores Vilavedra (eds.), *Cingidos por unha arela común, Homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, vol. 1, Universidade de Santiago de Compostela, 1999, pp. 389-416

O tradutor, Serafim Ferreira, introduz aqui e ali um infinito pessoal onde ele não estava. É o caso em *Camiñaron [...] ata chegar de novo*, traduzido por «até chegarem de novo». Em compensação, reduz um excesso no original: [*o teu irmán] tem dereito a saberes isto*¹³ torna-se «tem o direito de saber disto» (sendo «tem direito a saber isto» igualmente correcto).

O futuro do conjuntivo, esse, mostra um comportamento curioso. Em frases estereotipadas, o tradutor não o introduz: *Como vexas* fica «Como queiras», *un lugar, unha persoa... o que sexa* fica «um lugar, uma pessoa... o que seja». Mas fá-lo noutras condições: *Quen ti queiras* «Quem tu quiseres», *Se non volves...* «Se não voltares...», *Que che parece se imos tomar algo?* «Que achas se formos tomar alguma coisa?» (sendo, por igual, aceitável o infinito: «Que te parece irmos...?»).

É paradoxal, mas por vezes é o tradutor luso que tem de velar pelo sistema, *eliminando* um futuro do conjuntivo. E, assim, o excelente Tamen, ao traduzir o magnífico Rivas, corrige *fose como for* para «fosse como fosse»,¹⁴ *se é que alguén te quixer* para «se é que alguém te quer» (mas decerto manteria *se alguén te quixer*), *enfiaba outro asunto como se quixer imporse...* para «enfiava outro assunto como se quisesse impor-se...».¹⁵

No manejo de sistemas tão próximos, importa ter em conta, mais ainda que o habitual, quanto do próprio sistema —e até do sistema de origem— *não* se acha no texto original. Falando mais claro: há hábitos portugueses que o galego não tem, ou que explora menos. Não é razão, aqui também, para o praticar a docilidade.

Cabem aqui, em português, um maior uso do pronome sujeito, um menor uso do futuro do indicativo (exemplo de ambos: *Chamareite esta noite*, «Eu telefono-te esta noite»), uma maior utilização do auxiliar *ir* para acção futura, um maior uso do mais-que-perfeito composto («tinha dito», «tínhamos feito»)¹⁶.

Ainda no atinente à morfologia do verbo, importa sublinhar os valores diferentes do pretérito perfeito composto. Um galego pode hoje dizer *Como ten dito Rodrigues Lapa* (aludo a um episódio verídico recente), um português

13 Trata-se, suponho, de uma hiper correcção por um utente já inseguro do sistema. Acham-se, noutros textos, outras do tipo *eles han saberen*, de resto também encontráveis em português (*«eles hão-de saberem»). No texto em apreço, é pouco provável que uma autora que quase não usa o infinito pessoal queira fazer, aqui, 'diálogo realista'.

14 Decerto hiper correcção induzida por «seja como for».

15 Também a tradução brasileira, de Ledusha Spinardi (Objetiva, Rio de Janeiro, 2002), elimina o futuro do conjuntivo: *se é que alguén te quixer* torna-se «caso alguém o quisesse» [o = você] e *como se quixer imporse* torna-se, como na edição portuguesa, «como se quisesse impor-se». Quanto a *fose como for*, surge como «de toda maneira».

16 E tenha-se em conta o frequente emprego, em galego, do mais-que-perfeito simples (*ela contara*) com valor de pretérito perfeito (*ela contou*).

não pode, porque isso pressupõe que Lapa ainda está vivo. A Sul do Minho, «Como tem dito RL» significa «Como Rodrigues Lapa disse várias vezes e *continua a dizer*».

As divergências na pragmática pedem, também elas, um olhar alerta ao tradutor. Seja o caso da altíssima frequência, em português, de *é que* após elemento interrogativo: «Quem é que...», «Quando é que...», «Porque é que...». A sua sistemática ausência cria diálogos hirtos, teatrais no pior sentido. Outro valor de *é que*, o de realce, como em «Agora é que vou», «Ela é que tem», possui-o o galego, mas explora-o menos.

Em autores galegos mais jovens, há outra perda, a da resposta em eco, do tipo «Vais? Vou», «Compraste? Comprei». Tradutores atentos recuperam-na, mas outros adoptam um monótono «Sim», que confere ao diálogo português uma estranha indecisão.

Escasseia igualmente, no diálogo escrito galego, o artigo nos nomes próprios. Em alguma escrita ficcional portuguesa, que também o faz, isso resulta numa atroz artificialidade. Ninguém diz «Encontrei Laura», «Isto é de Tiago», «Dá isso a Teresa». A eliminação do artigo é admissível no discurso narrativo, mas a fala directa nunca deveria permiti-la. Possivelmente, um certo hieratismo da coisa literária transtorna o escritor (e o tradutor), que põe na boca das personagens o que nenhum vivente diria.¹⁷

Algumas reflexões

Primeira reflexão

A convivência com o português tem sido apontada, por galegos dos mais diversos quadrantes, como salutar para a língua da Galiza.¹⁸ Partilho essa convicção. Não confiro ao português nenhuma superioridade essencial, mas reconheço que teve um percurso mais saudável que o galego, o que lhe permitiu uma suplementar estabilidade de estruturas. Nelas há, decerto, recursos aproveitáveis.

Mas não mais do que isso. É-me estranha uma concepção do galego como conjunto de ‘falas’ (note-se o displicente plural) de que o português seria a ‘língua’. Constrange-me, mais ainda, a caracterização do galego como «dialecto rural do português». Os termos são do académico brasileiro Leodegário de Azevedo, mas a visão é difundida, até em Portugal, por alguma militância galega.

Envergonha-me, também, o descaso a que a linguística portuguesa tem votado o galego. Depois da análise fonológica das normas, de M. H. Mira Mateus,

17 São exemplares, aqui, os autores de diálogos das telenovelas brasileiras (de resto profissionais exímios), que sistematicamente mantêm o artigo. Exemplo *a contrario* são as telenovelas ‘de época’, onde a eliminação do artigo sublinha (injustificadamente) o recuo temporal.

18 Recorde-se o acima dito de serem ‘o galego’ e ‘o português’ encarados, neste artigo, como duas normas fortemente marcadas, e parcialmente irredutíveis, dum mesmo idioma.

de 1984, publicaram-se duas ou três investigações de teor dialectal. Quanto me é conhecido, ninguém produziu um estudo comparatista lexical, ou morfológico, ou fraseológico, ou pragmático, como vários investigadores galegos fizeram já.

Paradoxalmente, este genérico descaso contém um lado valioso. Defini-o no comentário que fiz a uma, aliás excelente, *Introdução à História do Português*, de Ivo Castro, de 2006. O meu raciocínio é este: o facto de nunca a linguística portuguesa ter identificado, menos ainda descrito, o que seria uma *ruptura* com o galego, obriga à conclusão de que, cientificamente, jamais o galego deixou de ser a língua de Portugal.

Este raciocínio não colhe, obviamente, para uma visão essencialista do idioma, que sempre foi, de resto, a da linguística portuguesa. Ela põe em destaque, e interpreta como definidores de ‘idioma independente’, factos de língua que mal dariam para uma diferenciação dialectal. Ao mesmo tempo, evita quaisquer paralelos —seja entre português e galego, seja entre português e castelhano— que, compreende-se, viriam relativizar drasticamente a ‘independência’ do português. Em suma: a nossa complexíssima relação quer com o galego quer com o castelhano tornou-se tema tabu, e portanto tradicionalmente abandonado. Debaixo do tapete linguístico português, amontoam-se já pequenos mundos.

Ora, é exactamente isso que um sector considerável da linguística galega faz hoje, também ele: isola diferenças —decerto irredutíveis, mas nunca estruturais— destinadas a manter a convicção duma língua independente. Mas, meritariamente, esse mesmo sector afirma a utilidade do português na elaboração e fortalecimento do galego.

O exame aqui feito aos comportamentos de tradutores portugueses do galego pode obrigar a uma mais exacta definição desse possível contributo português. Mas uma coisa parece, também, estar agora clara: é insustentável a visão lírica, que vem de Murguía e chega até Díaz Pardo, de estar, em Portugal, ‘a nossa língua’ em sólidas e fiáveis mãos.

Observámos desempenhos consistentes que, dada a sua sistematicidade, podem —até demonstração contrária— ser considerados representativos. Desempenhos, vinque-se bem, *literários*, próprios portanto duma marginalidade social, ainda que de tipo prestigioso. A língua de partida aí praticada mostra, mesmo em autores jovens, um grau de ‘pureza’ que o efectivo desempenho do falante galego médio desmente. A marginalidade desse produto é ainda acentuada pela modesta repercussão em Portugal dessa literatura. Na realidade, dos escritores galegos actuais, só Manuel Rivas é referência no circuito editorial.

Simplemente, o canal *literário* é, de momento, o único a permitir esse exame de comportamentos. Além disso, mesmo sendo o âmbito marginal, o *prestígio* do médium pode tornar efectivo o intercâmbio. E se há, em matéria de influência linguística, um factor determinante, é esse.

Segunda reflexão

Traduzir de galego para português não só põe questões muito específicas —o que a proximidade das normas já faria prever— como se revela, também, uma árdua tarefa. O darmos com conseguintes altamente assinaláveis somente sublinha (se necessário fosse) a grande qualidade de alguns interventores, e não é, certamente, índice da facilidade do empreendimento.

Mas há um aspecto perturbante, já aqui assinalado, e que mesmo o maior profissionalismo não consegue esconder. E é que este tipo de convivência linguística entre português e galego tem por efeito imediato elevar *no outro* um elemento exógeno a ambos, o castelhanismo. Como suma perversão, esse processo populariza e estimula os materiais mais frequentes, mais triviais, e também mais caracterizadores, desse terceiro.

Sirva de exemplo o que se passa com «estupendo», «fatal», «ilusão» e derivados, «total», «não passa nada». Eles materiais são (mas isto não pode surpreender) exactamente os mesmos que o comércio linguístico castelhano-português já activa em vários desempenhos lusos, seja o da tradução, literária ou outra, seja o do contacto pessoal. A trivialidade dos materiais não deve ocultar o ponto essencial: o da tremenda *vulnerabilidade do português à pressão do castelhano*, uma vulnerabilidade que, de resto, a história da língua demonstrou à saciedade.¹⁹ As traduções portuguesas de literatura *espanhola* confirmam largamente os dados aqui reunidos, chegando-se à simples apropriação dum léxico castelhano, como *cita*, *entorno*, *ubicar*, *compartir*, *pactar*, *impactar*, *reaccionar*. A demonstração, quase violenta, de quão vulnerável o português é perante o idioma central-pensinsular é-nos fornecida pelo romancista José Saramago, em cuja escrita o material castelhano, lexical, mas também semântico e sintáctico, se vê crescentemente acolhido.²⁰

A penetração mais comum, e a mais insidiosa, é a que atinge a semântica. Mais ainda do que a importação neológica, a subversão semântica provoca nichos de instabilidade no sistema, particularmente difíceis de gerir. É de prever que esse tipo de pressão vá crescendo, à medida que os contactos pessoais aumentam e que a aprendizagem do espanhol se desenvolve em Portugal, onde está a ponto de tornar-se segundo idioma estrangeiro no ensino secundário. Nada disto é razão para travar essa aprendizagem, que deve ser exactamente a melhor, e sim para, com medidas adequadas, gerir o impacto dela, criando *mecanismos de resistência* —inspirados na atitude diferencialista de que, no

19 Este tema não pode ser aqui desenvolvido e será objecto doutro estudo. Baste, aqui, a observação de ter o português adoptado largas dezenas de locuções adverbiais castelhanas. Restringindo-nos às temporais, exemplificamos com locuções tão pouco marcadas como «de vez em quando», «de quando em vez», «de quando em quando» e tão idiomáticas como «às tantas», «até às quinhentas» ou «às duas por três». Nunca nenhum estudo se ateve a estas realidades.

20 Apreciei estes factos em vários trabalhos, entre eles Venâncio (2006a).

seu núcleo mais são, o galego dá exemplo –, obstando a que o castelhano volte a tornar-se, em Portugal, norma de correcção.

Facto é que nunca em contexto português se desenvolveram tais anti-corpos. Pelo contrário: mesmo genericamente desconhecido depois de 1700, o espanhol conservou-se prestigioso e atraente, nunca causando o ‘medo de contaminação’ que o francês gerou. Entendia o grande pedagogo oitocentista português Castilho, mentor de três gerações, que tanto a língua portuguesa como a castelhana se podiam «estudar pelos clássicos da outra». Afirmava, até, no seu boleio classicizante: «Na leitura do castelhano, se hoje em dia a frequentássemos como cumpria, bem fácil e bem agradavelmente pudéramos nós retemperar ainda hoje o bom falar vernáculo».²¹ No século XX, são exactamente os escritores tidos por ‘castiços’, como Aquilino, Torga e o Saramago, os que mais difundem uma visão ‘hispânica’ da cultura lusa. Tudo se passa como se um filo-castelhanismo larvar habitasse um importante sector das elites culturais portuguesas. Isto, mais a genérica ignorância do castelhano, explicam a total ausência de pulsões diferencialistas. O conceito e a palavra são, mesmo, desconhecidos. Voltaremos ao tema.

Terceira reflexão

Os objectivos dum intercâmbio linguístico entre galegos e portugueses parecem ser, pois: 1. *guardar o próprio*, 2. *fomentar o comum*, 3. *desincentivar o alheio ao sistema*. A realização, mesmo parcial, destes objectivos exige uma grande ambição, decerto, mas também realismo, muito comedimento e alguma modéstia. São demasiadas as incógnitas, num processo de particular complexidade. Note-se que o próprio projecto *lusista* —que tem um programa simples, a adopção do padrão português pela Galiza— mantém vagos os termos dessa operação. Outra coisa são as implicações linguísticas dum projecto que visa assumidamente a instalação duma diglossia (língua portuguesa e fala galega), a somar à actual diglossia com o castelhano, que não desaparecerá por encanto.²²

Os três pontos acima expostos, ao suporem um saudável entendimento das nossas relações linguísticas, não podem, por isso mesmo, iludir questões incómodas, como as que este estudo trouxe ao de cima.

Um primeiro avanço virá, caso se superem duas falácias. Por um lado, a falácia historicista, nostálgica das origens, dia e noite rendilhando sobre a ‘Ga-

21 A geral tolerância ao castelhano no século XIX português foi examinada em Venâncio (1998, 119-120. A fobia do galicismo é estudada em 120-132).

22 O Grupo de Traballo Galego de Londres via-o, em 1982, com esta lucidez: «Se se adopta [o ‘reintegracionismo total’], téñense que ter claras as consecuencias, entre elas, a de condenar irremisivelmente a un status dialectal ao galego que falamos. Outra é a de que, xustamente por ser o portugués unha língua normalizada e cunha espléndida tradición literaria, o escritor galego só podería criar para ele un modesto recuncho ‘rexionalista’ nesa literatura» (<http://www.agal-gz.org/modules.php?name=Encyclopedia&op=content&tid=3246>).

lécia', os 'povos irmãos', os 'noivos que a História separou' —e esquecendo, muito oportunamente, ter o galego sido *imposto* a três quartos de Portugal pelas vitoriosas hordas nortenhas. Por outro, a falácia etimologista. A etimologia é uma ciência, não é um argumento. Ela pode fazer luz sobre materiais modernos, comuns ou exclusivos, esclarecendo conteúdos ou afinando ortografias, mas não poderá nunca *comandar* os usos actuais duma das comunidades ou de ambas.

Há duas outras falácias, correlativas, ambas simplistas, e mais exactamente de elevado teor mítico. Uma concebe o português como espaço protegido, espécie de reserva 'virgem', a outra concebe o castelhano como da ordem do 'maléfico'. Estas concepções inspiram automatismos primários, mas elucidativos. Neste sentido, alguma escrita lusista menos exigente é terreno privilegiado de observação, ao exacerbar as marcas portuguesas, sobretudo se *não galegas*, e ao cultivar um exagerado distanciamento do castelhano, de clara intenção 'diferencialista', com curiosas mas informativas hipercorreções.

Falácias à parte, tudo parece indicar que a aproximação exige visão clara da realidade *hodierna* do idioma. A complexidade, e mesmo o melindre, do empreendimento podem ser ilustrados por um exemplo propositadamente singelo: o das posições recíprocas dos adjectivos *desaxeitado/desajeitado* e *torpe*.

O TILGA apresenta, somadas as várias formas, 31 ocorrências de *desaxeitado* contra 222 de *torpe*. A comparação dos dois vocábulos tem todo o sentido duma perspectiva portuguesa. Com efeito, e embora os lusos *desajeitado* e *torpe* nada tenham em comum, *desajeitado* é corrente, e adequada, tradução do galego *torpe*. Além disso, e ainda na perspectiva portuguesa, este último é um castelhanismo semântico, dispensável, se não indesejável. Pergunta-se: poderia o português (mais exactamente a sua economia semântica) ser de utilidade na eliminação deste 'castelhanismo'? A complexidade do caso não permite alimentar grandes ilusões. Centrando-nos nos valores correntes dos vocábulos, examinemos.

Desaxeitado e *desajeitado* recobrem-se como sinónimo de *desleixado*. O panorama complica-se quando se constata que, sendo também *desaxeitado* e *inadequado* sinónimos, *desajeitado* e *inadequado* não o são. Mais ainda: *desajeitado* é sinónimo de *inábil*, que em galego é sinónimo de... *torpe*. Ora, o português *torpe* significa «vil», «infame», «velhaco».

Poderia desejar-se que o *torpe* galego se deslocasse para estes valores, com as duas vantagens da aproximação ao português e do afastamento do castelhano. Mas seria uma sugestão grandemente irrealista, já que a frequência do termo é altíssima, enquanto a pressão do castelhano continuará imensa; anti-económica, porque sobrecarregaria *desaxeitado* com todo esse antigo espaço de *torpe*; e indecorosa, já que essa sobrecarga produziria, no outro extremo semântico, uma subida na frequência de *inadequado*, forma comum com o castelhano que exactamente *desaxeitado* consegue manter na sombra.

Esta precária engenharia parece sugerir que os dois movimentos — a aproximação ao português e o distanciamento do castelhano — terão de jogar-se em campos separados. A sobreposição dos dois tabuleiros parece a fórmula exacta do fracasso.

Quarta reflexão

Uma *aproximação* ao português, sendo útil, não necessita, ainda assim, de ser objectivo prioritário. Medidas que visem *tirar proveito do português* parecem programa mais gerível e de mais rápido rendimento.

Poderia começar-se por fomentar na escrita, jornalística ou literária, os materiais comuns às duas normas. Sirvam de exemplo, de novo, as jóias da coroa: o infinito flexionado e o futuro do conjuntivo. Os dados literários galegos observados parecem mostrar que um e outro se encontram em início de arcaização, isto é, que começam a ser sentidos, não só como dispensáveis, mas até como marca etária. O estado de coisas português pode demonstrar que outro *estatuto* é possível. O segredo está (como quase sempre em matéria de língua) no factor *prestígio*. Lugares prestigiosos como o livro e o jornal, incluindo o digital, difundem lenta mas eficazmente usos linguísticos.²³

Também a preferência activa pelo vocabulário comum parece incentivo viável e compensador. Pense-se no estímulo de (meros exemplos) *afastar*, *espreitar*, *fornecer*, que permitiria secundarizar activamente, especializar, ou mesmo banir, *aloxar/alexar*, *axexar/asexar*, *suministrar*.²⁴ Trata-se, pois, de conseguintes no âmbito culto, com uma ou outra incursão no familiar. O calão e os modismos, esses, ficam tranquilamente de fora. Pode lamentar-se que um adolescente galego diga *guay* numa canção, mas ele não precisa de achá-la *bué da fixe*.

Estas medidas poderiam ser acompanhadas dum contacto generalizado com o português, graças a uma maior circulação da escrita produzida a sul do Minho. Compreenda-se-me bem. Tratando-se numa recuperação de materiais comuns lexicais e fraseológicos *originais* galegos, essa recuperação dispensaria qualquer contacto com o português. Mas o acesso a um frequente e ágil funcionamento de materiais galegos em ambiente alheio pode, já de si, estimular-lhes o uso.

Sumamente útil seria o aturado levantamento desses materiais. Tanto dos exclusivos de um dos lados, como dos comuns. Uma recolha lexical *contrastativa* galego-portuguesa (a exemplo do *Dicionário contrastivo luso-brasileiro*, de Mauro Vilar, e do *Dicionário lusitano-brasileiro*, de E. T. Wanke e Roldão

23 Venho seguindo na imprensa portuguesa a deriva semântica a que estão submetidos, sob pressão do inglês, advérbios como «aparentemente», «virtualmente», «eventualmente». Trata-se de subversões do sistema (dada a criação de ambiguidades graves), mas fica demonstrada a eficácia do meio de difusão. O prestígio inicial do inglês deixa de ser factor de peso.

24 Em vista de verdadeiros ‘empréstimos’, podem seguir-se os ponderados critérios expostos em Xusto A. Rodríguez Río (1998).

Simas Filho) traria nítido proveito para o utente comum, e particularmente para o tradutor.²⁵

A própria importação de unidades reputadas úteis poderia ser encarada, sobretudo quando da ordem do neologismo ou se pertencentes a um acervo galego desusado ou já só latente. Facto é que, até hoje, e embora o português continue a ser referência tanto em declarações de princípios como na diária ponderação de terminologistas, o saldo é modesto. No volume *Novas palabras galegas*,²⁶ que reúne 1106 aquisições recentes da imprensa ou da internet em galego, só três escassas entradas podem acusar origem, ou inspiração, portuguesa: *banda deseñada*, *gardarredes* e *grella* (televisiva).²⁷

Estão fora de questão a importação gratuita, ‘chique’, de elementos não funcionais assim como a absorção duma expressividade portuguesa em detrimento da galega. Em contrapartida, o contacto com o produto português pode guiar, *por contraste*, na identificação duma expressividade galega irredutível, encontrável decerto no léxico exclusivo mas sobretudo nos sectores mais *qualitativos* do idioma: a semântica, a fraseologia, os idiomatismos cultos, correntes ou marginais. Tem, pois, todo o sentido estimular os estudos comparativos das duas normas.

Sabe-se quanto é problemática a moldagem voluntarista de hábitos linguísticos duma comunidade. O próprio re-prestigiar de formas terá de ser, caso a caso, provado. Mas existe um dado irrefragável: a observação do desempenho *literário* galego põe a nu a gradual rarefacção dos materiais autóctones, sejam exclusivos sejam galego-portugueses. Compare-se a forte genuinidade linguística de Méndez Ferrín com a escrita já híbrida de autores mais jovens —mesmo se, como Xurxo Borrazás ou Iria López Teijeiro, são notáveis estilistas. No horizonte, desenha-se um galego ritualizado e mínimo, só distinguível do castelhano pelas marcas residuais da morfologia.²⁸

É, neste contexto, elucidativa a experiência de Concha Rousia, com um romance, *As sete fontes* (Arcos Digital, 2005, disponível na Net), escrito em português, mas de léxico galego de grande autenticidade, parcialmente ainda vigente no Norte português rural ou recolhido em obras etnolinguísticas. Mesmo se desconhecido do leitor médio (e um glossário final assiste no mais

25 A produção dum dicionário galego-português pode tirar proveito de acervos criados e discutidos na Net por galegos e portugueses. São exemplo disso os fios ‘Semelhanças/diferenças na oralidade da Portugaliza’, que figurou no Portal Galego da Língua, e ‘Palavras galegas que nom hai em português’, nos fóruns de Arrouxada Notícias.

26 Universidade de Vigo, 2005. É obra de exemplar feita e podemos partir da sua representatividade. Ajuntemos que a entrada *sambódromo* é, definitivamente, de origem brasileira.

27 *Banda deseñada* e *grella* podem, também, ter provindo directamente do francês.

28 Esta observação confirma sólidas análises como as Xosé Graña Núñez (1990), que alista pares de sinónimos de que o elemento galego é sistematicamente perdedor, e de María Álvarez de la Granja (2003), que afirma: «Son cada vez mais numerosos os calcos casteláns que substitúen expresións galegas».

urgente), ele obtém um eficaz ‘efeito sépia’, regionalista. Mas aqui reside, exactamente, um risco. Esse léxico circunscrito, mais o marcado ruralismo do relato, só vêm confirmar todos os estereótipos duma Galiza ‘labrega’, parada no tempo. Não se duvide: o verdadeiro assombro seria o dum romance urbano, e vibrante de actualidade, num galego directamente legível para público português.

O próprio objectivo primário dum aproveitamento do português surge, agora, mais nítido: trata-se de *aumentar a aptidão internacional do galego*, não de ‘regenerá-lo’. Tudo leva a crer que, de momento, o galego, nos seus registos *cuidados*, quer o culto quer o familiar, se acha menos castelhanizado do que costuma reçar-se. Esta percepção permitiria superar alarmismos, já de si inibidores da acção ou inspiradores de fugas em frente extremistas.

Mas, e sobretudo, uma ‘recuperação’ deve operar-se a partir da própria Galiza. Como escreveu Pablo Gamallo: «Não temos uma variedade de fala representativa de um grupo social que poda ser utilizada como modelo a imitar» (Gamallo, 2005). Mas acrescenta: «O galego rural pode servir de padrão fonético e morfo-sintáctico para os falantes urbanos, enquanto que o galego urbano empenhado (não o galego das instituições) pode servir de modelo lexical para os falantes do mundo rural».

Quinta reflexão

O esquecimento ‘oficial’ da maciça castelhanização do português entre 1400 e 1700 tem, neste nosso contexto, um aspecto simpático. Não, decerto, o de subtrair ao olhar, mesmo científico, a sistemática substituição (e arcaização) de materiais galego-portugueses, mas a ditosa ausência desse peso, sempre injusto, duma má consciência linguística. Uma fixação castelhanista, mesmo quando negativa, é, também ela, uma forma de dependência.²⁹ Uma reconciliação lusa, agora explícita, com o seu património ‘castelhano’ tem todo o sentido. Ele enriqueceu-nos o idioma, disso lhe adveio expressão, agilidade. Exactamente essa consciência, e não o seu recalçamento, pode preparar-nos para os embates que se aproximam. Os estragos que o castelhano um dia fez —porque os fez— são agora irremediáveis ou foram absorvidos pelo sistema.

O português ganhará, já o dissemos, fazendo sua a preocupação galega de resistir a opções castelhanas, mesmo se patrimoniais. Esse pode tornar-se um princípio de acção de todos aqueles que, em Portugal, efectuam o percurso do castelhano ao português: os autores de cursos de espanhol e os tradutores de espanhol, literário ou não, mormente se o alvo é o grande

29 Em *Novas palabras galegas* encontra-se, na entrada *diferencialismo*, a elucidativa citação: «Excluí-lo diferencialismo radical porque, ainda querendo ser unha postura de defensa frente ó castalán, manifesta de feito unha posición dependente e dominada con respecto a esta lingua» (www.ciberirmandade.org 08/02/02).

público, como é o caso da legendagem televisiva e dos conteúdos originais de língua espanhola, ficção ou documentário.³⁰ Um bom começo é banir da circulação os castelhanismos mais vistosos, mesmo se dicionarizados, como *olvidar, respaldar, chiste, ancho, distinto* (por ‘diferente’), o *desde* espacial (‘Desde Madrid, fala...’).

Com o avolumar dos contactos e das oportunidades de interferência, uma forma inteligente e sadia de *diferencialismo* pode mostrar-se um dever cultural. Ora, faltando —como falta— em Portugal qualquer tradição diferencialista, há-de a sabedoria a tal respeito acumulada na Galiza provar-se de conveniência.³¹

De utilidade em contexto português é também essoutra lição galega, paralela a esta, e também posta em relevo pelo exame das traduções portuguesas: a da guarda ciosa dos materiais *exclusivos*. Ninguém sabe quais sejam os lusos, nunca se tratou identificá-los. Pode esperar-se que a sólida e vasta investigação da Universidade do Minho para um bom dicionário Espanhol-Português (sob a direcção do galego Álvaro Iriarte Sanromán) permita facilitar essa identificação.

Observações finais

A tradução literária não é, nas nossas sociedades, um meio de intervenção poderoso, mesmo de intervenção linguística. Mas constitui —penso tê-lo demonstrado— um laboratório onde proporções podem ser examinadas e processos detectados. Se alguma discreta extrapolação é permitida, poderá dizer-se que o português promete ao galego alguma utilidade numa importação criteriosa de certos *módulos mais estáveis e isoláveis*. Criteriosa e vigiadíssima. Ousada e lúcida.

Com efeito, se as oportunidades oferecidas pelo português são claras, não menos o são os perigos. Duas regras parecem, aqui, impor-se:

1. Nenhum aproveitamento lexical ou fraseológico do português deve secundarizar especificidades galegas.
2. Nenhum aproveitamento lexical ou fraseológico do português (afora as terminologias internacionais) deve conduzir a um reaproximar do castelhano.

30 Nas várias séries de origem argentina (de genérica boa qualidade) e em *spots* publicitários de produtos espanhóis, o número de castelhanismos de toda a ordem é assinalável.

31 Uma surpreendente perspectiva é dada por Dolores Vilavedra (2001), quando demonstra a vantagem de serem *galegos* os tradutores de português para castelhano. «A nosa aguda conciencia do diferencialismo lingüístico fai que incorramos menos nas tentatións derivadas dos numerosos falsos amigos que existen entre ambas linguas. [...] O traductor español sucumbe com máis presteza á suposta facilidade do portugués, que considera unha sorte de *continuum* da súa propia lingua» (pp. 57-58).

Estas preocupações de política linguística, não precisam os criadores literários galegos de fazê-las suas. Nenhum autor brasileiro se acomoda, menos ainda abandona as suas especificidades, para ser compreendido em Portugal, como nenhum português abandona as suas para o ser no Brasil. Seria intolerável qualquer pressão sobre autores galegos para se adaptarem a públicos exteriores.

É, sim, importante que os criadores de literatura galega se saibam privilegiados actores no afeiçoar do idioma. Isto pode tornar-se-lhes, até, habitual cuidado. Mas nunca deverá ser-lhes um freio, menos ainda um empecilho. A última preocupação dum escritor deverá ser o bom-comportamento linguístico. A língua literária verdadeira, ela é graça, movimento, subversão de códigos, fusão de registos, afirmação classista e a denúncia dela, jogo mental duma comunidade consigo mesma.

Desse espectáculo, o tradutor tentará dar fiel e humilde conta, nas maravilhosas palavras da sua tribo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Traduções

- BORRAZÁS, X. 2006. *Ser ou não* (Ser ou non). Trad. de Dina Almeida e Isabel Ramalheite. Porto: Deriva, 2006.
- CARIDE, R. 2004. *Tempos de fuga* (O sangue dos camiños). Trad. de Dina Almeida. Porto: Deriva, 2004.
- LÓPEZ TEJEIRO, I. 2007. *Menina de cristal* (Meniña de cristal). Trad. de Serafim Ferreira. Porto: Campo das Letras, 2007.
- MÉNDEZ FERRÍN, X.L. 1991. *Bretanha, Esmeraldina* (Bretaña, Esmeraldina). Trad. de José Carlos González. Lisboa: Bertrand, 1991.
- 2000. *Arraianos* (Arraianos). Trad. de José Viale Moutinho. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- 2000. *No ventre do silêncio* (No ventre do silencio). Trad. de J. Teixeira de Aguiar. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- LÓPEZ LÓPEZ, X. 2004. *A estranha estrela* (A estraña estrela). Trad. de Angela Carvalhas. Porto: Deriva, 2004.
- NAVAZA, G. 2003. *Erros e Tanatos* (Erros e Tánatos). Trad. de Elisabete Ramos. Porto: Deriva, 2003.
- QUEIPO, X. 2004. *Bebendo o mar* (Papaventos). Trad. de Dina Almeida. Porto: Deriva, 2003.
- 2005. *Os ciclos do bambu* (Os ciclos do bambú). Trad. de Dina Almeida. Porto: Deriva, 2005.
- RIVAS, M. 1998. *Que me queres, amor?* (Que me queres, amor?). Trad. de Pedro Tamen. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- 2001. *Alma, maldita Alma* (Alma, maldita alma). Trad. de Maria do Carmo Abreu. Lisboa: Dom Quixote, 2001.

- . 2003. *O lápis do carpinteiro* (O lapis do carpinteiro). Trad. de Pedro Tamen. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- . 2003. *O segredo da terra* (El secreto de la tierra). Trad. de Maria do Carmo Abreu. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- . 2004. *As chamadas perdidas* (As chamadas perdidas). Trad. de Maria do Carmo Abreu. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- RIVEIRO COELLO, A. 2006. *As rolas de Bakunine* (As rolas de Bakunine). Trad. de Dina Almeida. Porto: Deriva, 2006.

Estudos

- ALONSO MONTERO, X. 2004. «O escritor galego e o problema da lingua». En ÁLVAREZ, FERNÁNDEZ REI e SANTAMARINA (eds.) *A lingua galega: historia e actualidade. Actas do I Congreso Internacional* (1996). Santiago: Consello da Cultura Galega - ILG, vol. II. 2004. Pp. 9-24.
- ÁLVAREZ, Rosario. 2002. «Gramática contrastiva do portugués e o galego: o diminutivo». En IGLESIAS RÁBADE e.a. (eds.) *Studies in contrastive linguistics. Proceedings of the 2nd International Contrastive Linguistics Conference*. Santiago de Compostela: USC. 2002. Pp. 91-107.
- ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María. 2003. «Fraseoloxía e estándar». En ÁLVAREZ DE LA GRANJA e GONZÁLEZ SEOANE. *A estandarización do léxico*. Santiago: Consello da Cultura Galega – ILG. 2003. Pp. 147-161.
- BRAGADO TRIGO, Iago. 2000. «Relacións sintáctico-pragmáticas diverxentes en galego e portugués». *Cadernos de Lingua*, 22, pp. 71-80.
- . 2005. «Marcadores explícitos de tópico em Galego e Português: equivalentes e divergências». *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, vol. II. Porto: Faculdade de Letras, pp. 253-261.
- . 2006. «Sobre a amizade (léxica) Galiza-Portugal: os falsos amigos Galego-Portugués-Español». *Madrygal*, 9, 33-41.
- DÍAZ FOUQUES, Óscar. 1996. «Identidade cultural e tradución». *Agália*, 46, 1996, 157-164.
- FERNÁNDEZ SALGADO, Benigno e GÓMEZ CLEMENTE, X.M.. 1997. «Un problema de comparación de linguas: falsos amigos en galego e en portugués». En FERNÁNDEZ SALGADO (ed.) *Proceedings of the 4th International Conference on Galician Studies*, vol. 1. Oxford: Centre for Galician Studies. 1997. Pp. 375-391.
- FERNÁNDEZ SALGADO, X. A. 2003. «A interferencia do castelán no léxico galego: o castelanismo como recurso eufemístico». En ÁLVAREZ, FERNÁNDEZ REI e SANTAMARINA, *A lingua galega: historia e actualidade. Actas do I Congreso Internacional* (1996). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega - ILG, vol. I. 2003. Pp. 501-507.
- FREIXEIRO MATO, X. R.. 1996. «O diminutivo entre a Galiza e Portugal». *Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera*, vol. 2. Cáceres: Universidad de Extremadura, pp. 101-121.

- . 1999. «Sobre os usos do infinitivo flexionado e do futuro de subxuntivo no galego moderno». En R. ÁLVAREZ e D. VILAVEDRA (eds.) *Cin guidos por unha arela común*, vol. 1. 1999. Pp. 389-416.
- GAMALLO, Pablo. 2005. «Orgulho transexual da fala». *Portal Galego da Língua*, 27-VIII-2005.
- GÓMEZ CLEMENTE, X. M. 1995. «Fraseoloxía galega e portuguesa: o verbo *andar* como núcleo de unidades fraseolóxicas. I». *Viceversa*, 1, 119-144.
- GRAÑA NÚÑEZ, Xosé. 1990. «O léxico patrimonial galego: algúns aspectos do seu empobrecemento». *Cadernos de Língua*, 2, 1990, 47-58.
- MATEUS, M. Helena Mira. 1984. «Fonología do galego e do português». *Actas do I Congreso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, pp. 295-303.
- PERES RODRIGUES, J. H. 2004. «A proximidade tipológica entre o (galego-)português e o espanhol e o seu relevo para a práctica e para o ensino da tradución». *Agália*, 77/78, 73-86.
- RAMOS, Elisabete. 2005. «Os ‘erros’ de *Erros e Tánatos*». *Viceversa*, 11, pp. 133-138.
- RODRÍGUEZ RÍO, X. A. 1998. «O tratamento dos préstamos na norma lexical do galego». *Verba*, 25, pp. 293-322.
- VENÂNCIO, Fernando. 1998. *Estilo e preconceito. A língua literária em Portugal no tempo de Castilho*. Lisboa: Cosmos, 1998. (IV.5. «O castelhano e o italiano»).
- . 2006a. «Saramago, o ibérico». *Expresso*, «Actual», 1-IV.
- . 2006b. «Traduzir galego». *Expresso*, «Actual», 14-X.
- VIDAL FIGUEROA, Tiago. 1995. «*Presuntos* falsos amigos entre portugués e galego I». *Viceversa*, 1, pp. 145-151.
- VIDAL FIGUEROA, Tiago. 1997. «*Presuntos* falsos amigos entre portugués e galego II». *Viceversa*, 3, pp. 67-74.
- VIDAL FIGUEROA, Tiago. 2001. «*Presuntos* falsos amigos entre portugués e galego III». *Viceversa*, 6, pp. 193-202.
- VILAVEDRA, Dolores. 2001. «Galego, Portugués e Castelán. Unha interacción productiva». En MATEUS (coord.) *Mais Línguas, Mais Europa: celebrar a diversidade lingüística e cultural da Europa*. Lisboa: Colibri, pp. 58-59.